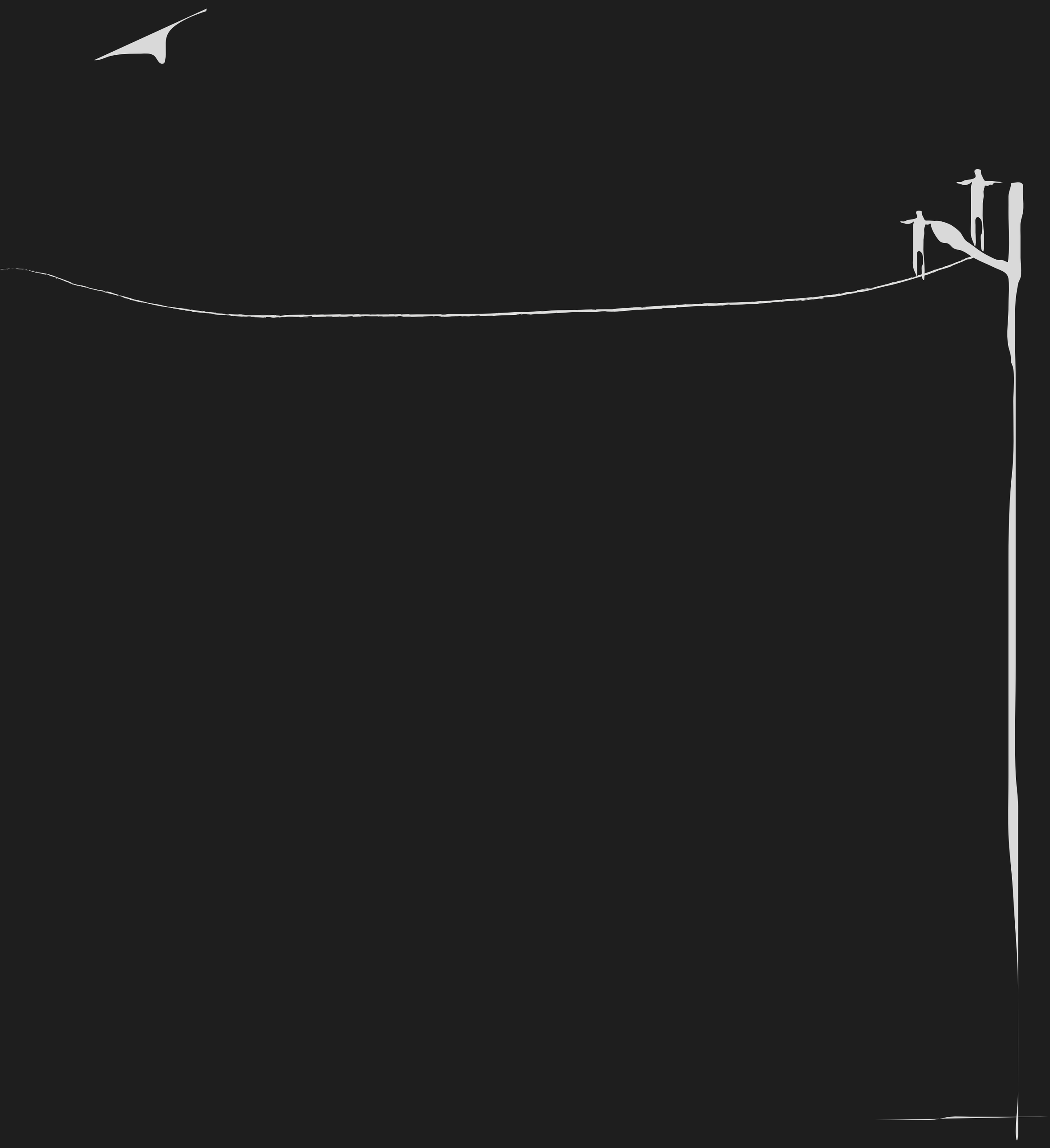


Alguém da cobertura
olha e pergunta:
quem é você?

QUEM É VOCÊ, SÃO PAULO?

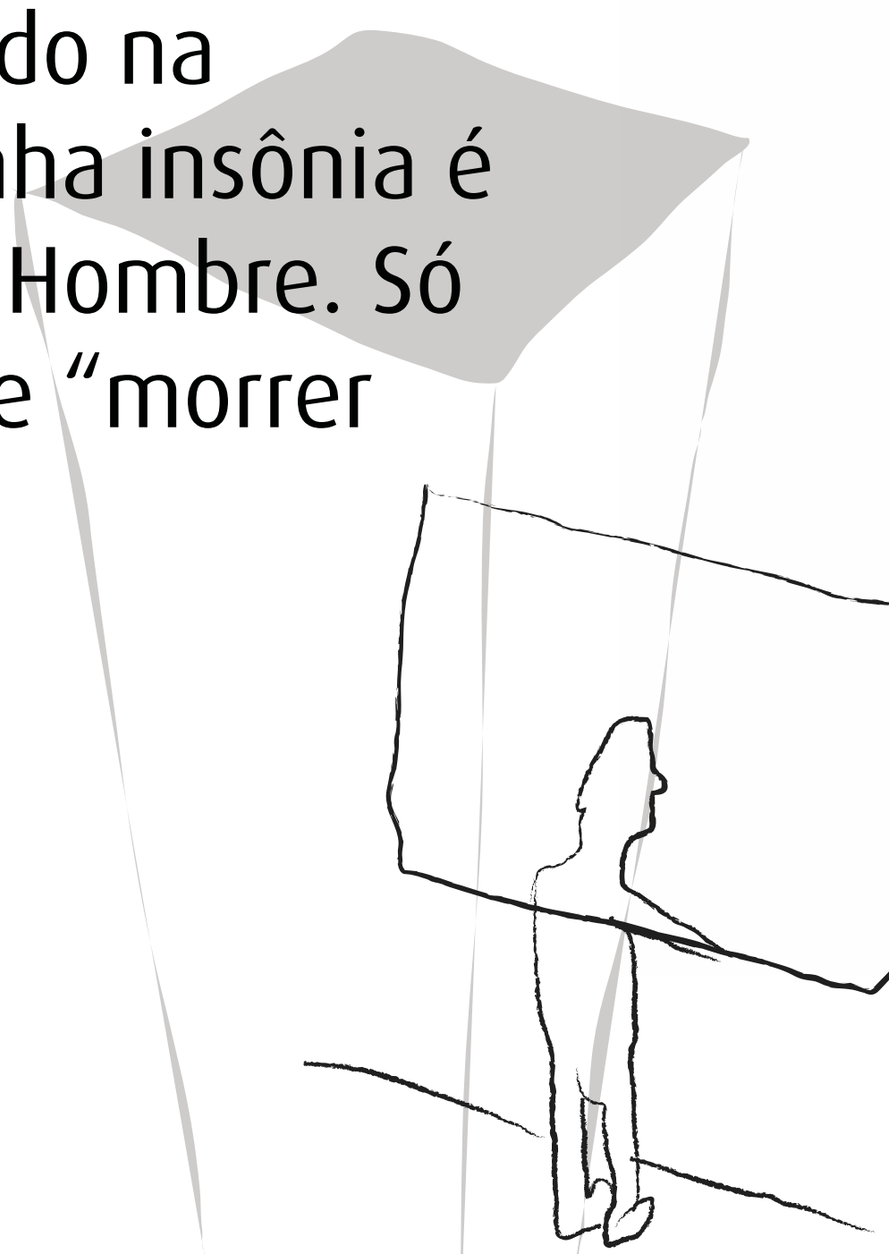
O sol bateu em minha porta e eu abri. Senhoras e senhores, dêem uma espreguiçadinha. Cada fresta de sol é disputada nesta caja de zapatos, que chamo de lar. Na fila de espera, aguardam para o banho da manhã, eu, os gatos Zé e Maria, o senhor Alecrim e a dona Cebolinha. O astro rei vem sorrateiro, ultrapassa os arranha-céus de concreto, perpassa os cobogós e a rede de proteção. É o toque com o mundo exterior em um outono qualquer, talvez o fosse se não o fosse o que ocorre lá fora.

47 dias, 22 horas, 19 minutos e 2 segundos. Olho pela janela e penso num belo horizonte na língua de Ney Matogrosso, mas o que me encontra é M e d i a n e r a s, "en una ciudad en la que se yerguen miles y miles y miles de edificios sin ningún criterio. Al lado de uno muy alto, hay uno muy bajo. Al lado de uno en estilo francés y otro sin ningún estilo. Probablemente estas irregularidades nos reflejan perfectamente. Irregularidades estéticas y éticas." Olho pela janela e a cidade que vejo, não reconheço. Ouço o canto dos pássaros, a qualquer hora do dia. À esquerda, a rotina é o choro do bebê do vizinho; à direita, a brincadeira de adolescentes; abaixo, um solo de guitarra; e no andar acima, objetos teimam em se espatifar no chão. Me vejo refletida no espelho do vizinho, do outro lado da rua. Como pode?

Que São Paulo é essa? Tentamos conversar, mas a sua resposta foi o silêncio. Estamos todos em cajas de zapatos. Será que não há nada mais tão solitário quanto um paulistano como o Zeca Baleiro disse? Contrariada fico, porque sei que existe amor em SP e digo isso vendo histórias como a de Dona Eunice, do alto dos seus noventa anos, que tem vivido a quarentena a partir de uma amizade com a vizinha do apartamento da frente, em que trocam gentilezas como vinho e doces. Não, não é por causa do Criolo que eu vejo amor por aqui. Também poderia ser, não é?

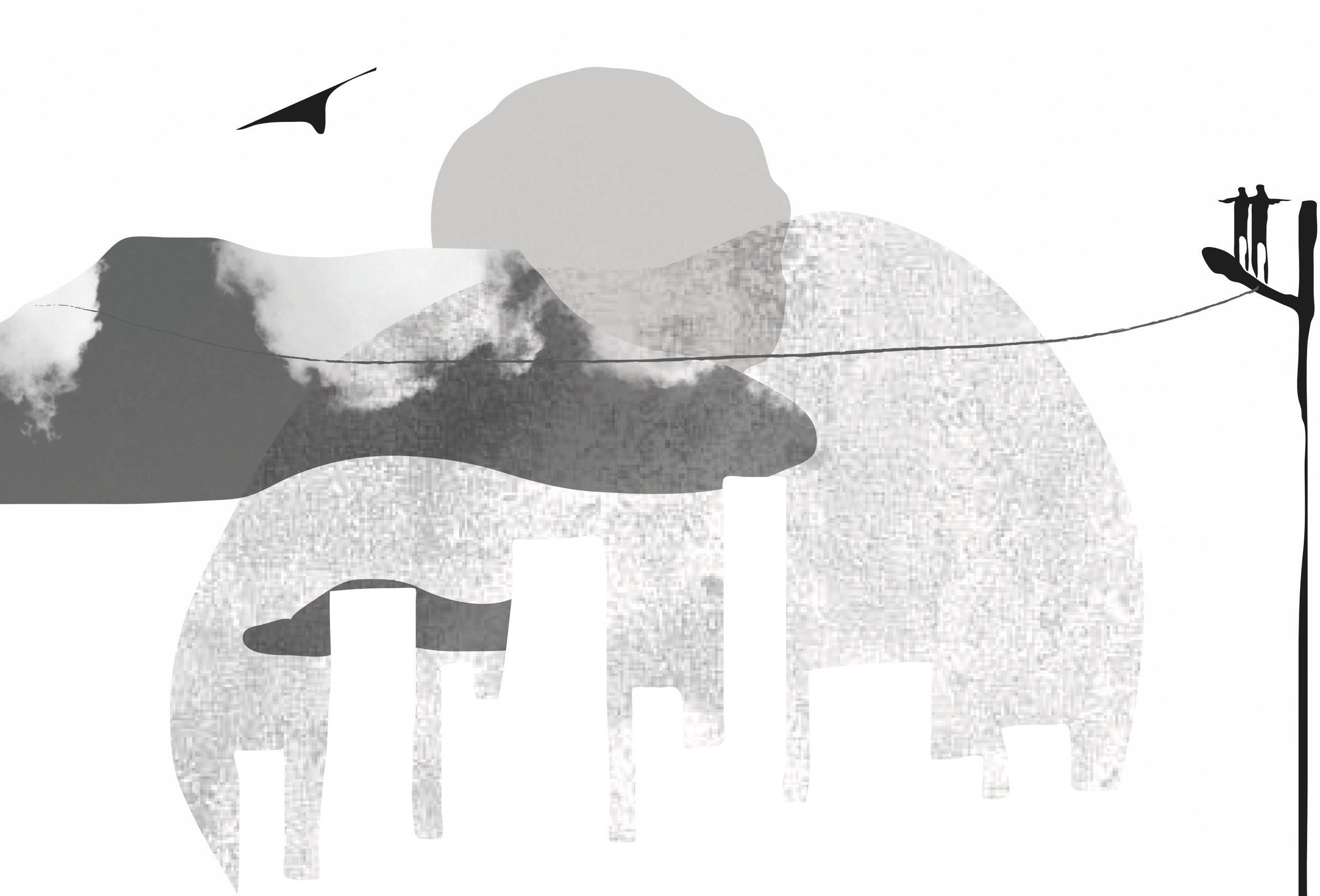
Asséptica. São Paulo tenta. Álcool em gel, máscaras, luvas plásticas. O perigo é o Outro. A culpa foi parar até nos gatos, veja só. A ilusão resiste, incide. Se o Outro tem a culpa, ele também é o único a ficar doente. Eu, não. Os meus, não. Asséptica, silenciadora, aniquiladora. Por que tanto, São Paulo?

"Uma ironia de morar no centro é caminhar até a Liberdade. Eu moro bem no meio sem olhar pra dentro e sonho acordado na cidade". São Paulo, querida, minha insônia é toda tua, já cantava Francisco El Hombre. Só espero não completar a canção e "morrer com muito sonho na cabeça".



Talvez, não seja pra tanto. A cidade não pode se responsabilizar por tudo. Sou filha tua, não nego. Respeito a esquerda na escada rolante da vida. Ando apressada em dias sem pressa. Gosto do horizonte recortado pelos edifícios, como ninguém. Espreito a janela religiosamente no horário oficial do panelaço, observo as luzes piscantes da vizinhança como pirilampos de boas novas. Quem sabe, não é? Minha mãe disse que o importante nessa vida é a gente ter esperança.

Só restou pela rua quem brinca com fogo, como canta Gustavo Gallo. Quem sabe também, quem gosta de samba.



Thais Mendes